

## Os Robinson Crusoe dos Açores

Autor:  
Sérgio Ávila

O canal Syfy tem estado a passar uma das minhas séries favoritas, " regresso ao futuro", com Michael J. Fox e Christopher Lloyd nos principais papéis. Nesta série, Marty McFly anda para a frente e para trás no tempo, ao volante de um DeLorean DMC-12. Não estou sozinho na admiração que nutro por esta série de três episódios, uma vez que em Junho de 2008, o American Film Institute escolheu o primeiro episódio como o 10º melhor filme de sempre de ficção científica.

Imagine agora o leitor que tem na sua garagem esta máquina do tempo ao seu dispor. Abre a porta, entra, senta-se e marca no mostrador temporal o tempo pretendido para a sua visita

– 6 milhões de anos atrás – e o local: Santa Maria. A seguir, acelera até atingir a velocidade pretendida e...

Nessa altura, na região onde actualmente está o Arquipélago dos Açores, Santa Maria era a única ilha emergida. Para este intrépido investigador – vamos supor que com formação em biologia, geologia e em paleontologia (sei bem que é bastante, mas não custa nada imaginar...) – a hipótese de visualizar as comunidades pretéritas, quer terrestres, quer marinhas, seria um privilégio pelo qual muitos investigadores estariam na disposição de pagar. E bastante!

Esta história também poderia ter começado com o habitual "Há muito, muito tempo...". É que, na realidade, é mesmo disso que aqui falamos. Uma das sub-disciplinas mais fascinantes da Biologia é a Biogeografia Histórica, ciência que tenta explicar os padrões de distribuição dos organismos (actuais e extintos) à face da Terra, bem como os processos responsáveis por essa distribuição. Mesmo sem o inestimável auxílio de um DeLorean, é possível inferir imen-

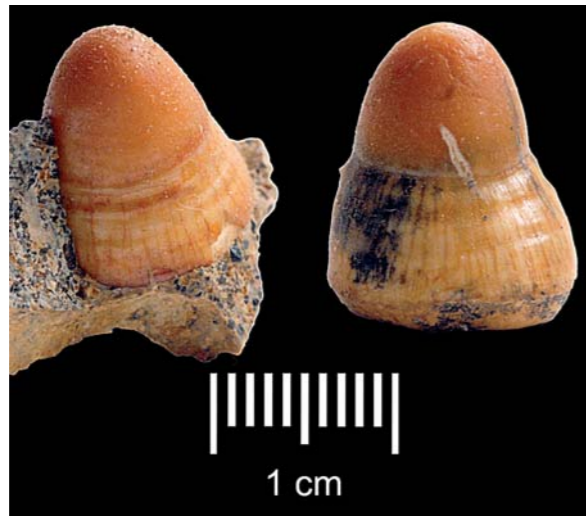
so acerca das comunidades que há 6 milhões de anos existiriam em Santa Maria. "Basta" para isso, analisar o registo fóssil e identificar as espécies que nessa altura habitavam os

mares à volta da ilha (como seria de esperar, isto é bem mais fácil de escrever do que de fazer). Para nós, biólogos e paleontólogos actuais, é uma pena que muitas dessas espécies não tenham ficado registadas nas rochas de Santa Maria. Esta é uma limitação inerente ao processo de fossilização – só uma pequena parte dos indivíduos e espécies fica preservado, até que a erosão os expõe novamente aos olhos curiosos dos cientistas e de leigos. No entanto, mesmo essa pequena parte conta-nos muito acer-

ca dos processos de dispersão, colonização e especiação em ilhas oceânicas, como são as ilhas dos Açores.

Voltemos à narrativa interrompida da nossa viagem no DeLorean. "A seguir, acelera até atingir a velocidade pretendida e eis-nos chegados a Santa Maria, 6 milhões de anos atrás". A paisagem é totalmente irreconhecível! Decidido a dar um mergulho em águas bem mais quentes do que as actuais, o que mais chamaria a atenção deste viajante temporal seriam as espécies marinhas que hoje em dia estão

extintas: bivalves com mais de 25 cm de diâmetro máximo, cracas endémicas, com cerca de 2 cm de altura e muito abundantes recobrindo os fundos rochosos, leitos de rodólitos e, com um pouco de sorte, arrojadas à costa, carcaças de tubarões e de baleias. Com alguma imaginação, podemos imaginar os problemas que os primeiros colonizadores de cada espécie – verdadeiros Robinson Crusoe – terão enfrentado para atingir ilhas tão isoladas e aí sobreviverem. Reparem que, chegar com sucesso a uma ilha, é resolver somente parte do problema! É que, em



Dentes de um peixe Miocénico da família Sparidae (*Sparus cinctus*)



*Alvania sleursi*, um microgastrópode endémico dos Açores e que já cá existe há mais de 5 milhões de anos

termos evolutivos, essa colonização só terá sucesso se houver reprodução com descendência viável. E para isso, convém chegar à ilha acompanhado por consortes férteis... como tudo na vida, é preciso ter a fortuna como aliada! Continuando com o seu mergulho, e afastando-se um pouco da costa – sempre com cuidado, não fosse o maior tubarão de todos os tempos, o *Megaelachus megalodon*, que se estima tenha atingido os 17 m de comprimento e uma massa corporal de cerca de 60.000 kg, estar por perto! – teria certamente sido surpreendido pelo tamanho atingido por peixes do género *Sparus*, com dentes cónicos com cerca de 1,5 cm de altura... Infelizmente, não tendo nós, cientistas, à nossa disposição nenhum DeLorean, ainda assim têm sido muitos os segredos

revelados em Santa Maria pelos estudos continuados de índole paleontológica que nesta ilha têm sido efectuados desde 1998 por equipas internacionais lideradas por investigadores do CIBIO-Açores/Universidade dos Açores. Foram e estão a ser descritas espécies novas para a ciência, tem sido aumentado o número de espécies fósseis reportadas para o final do Miocénico-início do Pliocénico (aproximadamente 7 a 5 Milhões de anos atrás) e novas teorias biogeográficas foram formuladas, testadas e publicadas. Não obstante o trabalho já efectuado e as publicações científicas daqui decorrentes, ainda falta muito para atingirmos o nosso desiderato: colocar Santa Maria no pódio das ilhas oceânicas mais bem conhecidas a nível mundial. Dentro de dez anos, se tudo correr bem, lá estaremos!



Prontos para desembarcar na jazida da Malbusca durante os trabalhos de campo do 9º workshop internacional *Paleontologia em Ilhas Atlânticas*



## As Baleias Fósseis de Santa Maria

Muito há ainda por desvendar nas jazidas fósseis de Santa Maria. Exemplo disto foi a recente descoberta de um maxilar superior esquerdo de uma baleia de barbas no afloramento da Praia do Calhau, após a passagem do furacão Gordon pelos Açores. O osso, com cerca de 1 metro de comprimento

foi descoberto por particulares, que me contactaram, cientes da importância da descoberta. Talvez não soubessem é que este seria o primeiro registo mundial de baleias fósseis em ilhas oceânicas, para este intervalo temporal (há cerca de 120-130.000 anos atrás)!